

Generación Y e Nomadismo Ciberespacial: reflexões sobre formas de pensar na era digital

Angela Schaun / Leonel Aguiar
Universidade Presbiteriana Mackenzie / Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Brasil
angelaschaun@mackenzie.br / laaguiar@uol.com.br



Angela Schaun. Graduada em Comunicação - Jornalismo Universidade Federal da Bahia (1978), mestrado Ciências Sociais - Sociologia da Cultura, Universidade Federal da Bahia (1986) e doutorado Comunicação e Cultura Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001). Professora Adjunto e Coordenadora de Pesquisa do Centro de Comunicação e Letras Universidade Presbiteriana Mackenzie. Líder Grupo Pesquisa Comunicação, Culturas e Mídias Contemporâneas, CNPq. Pesquisadora Fundações de Amparo à Pesquisa: Bahia FAPESB (1999 a 2001), FAPERJ (2002) e Mackpesquisa (2006). Áreas: Comunicação e Cultura, Novas Mídias, Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda, Educomunicação, Desenvolvimento Sustentável (www.consorcio.org.br). Avaliadora AD HOC Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Ministério da Educação – INEP - MEC em Comunicação. Avaliadora Institucional SINAES - MEC. Parecerista FAPESP.

1

ABSTRACT

O artigo propõe refletir sobre estratégias e formas de pensar inspiradas nos conceitos dos autores franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari: árvore e rizoma e relacioná-los com o nomadismo ciberespacial que usa as tecnologias de informação e comunicação ligadas à conexão e mobilidade e possibilitam inovadoras atitudes de ciberativismo cultural, entendidos aqui como novas territorialidades culturais. Em termos metodológicos propõe a perspectiva da filosofia pós-estruturalista e da socioantropologia com a observação não-participante, ao analisar o site www.desdecuba.com/generacióny/ que se apropria da Internet para uso cultural e político. Conceitua o objeto de estudo como uma expressão do *pensar-rizomático* que traduz multiplicidades, singularidades, devires, heceidades num processo de desterritorialização e reterritorialização. Trata o fenômeno como uma globalização, um nomadismo ciberespacial, que permite a emergência de novas territorialidades culturais.

PALABRAS CLAVE

Palabra GeneraciónY, Nomadismo Ciberespacial, Ciberativismo Cultural.

“pensar não é nem um fio estendido entre o sujeito e o objeto, nem uma revolução de um em torno do outro. Pensar se faz antes na relação entre o território e a terra” (Deleuze e Guattari, 1992:113).

Pensamento e formas de pensar

Para Heráclito de Éfeso, *pensar é o grande desafio e a sabedoria é acolher ao longo do vigor*. As formas de pensar traduzem e expressam o mundo. As civilizações foram marcadas por suas construções materiais e imateriais.

Peters (2000) propõe uma distinção entre as duas correntes de pensamento, o pós-estruturalismo e o pós-modernismo. Enfatiza que ambos caracterizam formas de pensar a contemporaneidade. Para ele, “a peculiaridade filosófica do pós-estruturalismo como um movimento que começa na França no início dos anos 60 e que tem fontes específicas de inspiração no trabalho de (...). Nietzsche e Heidegger.

“O pós-modernismo, por seu turno, desenvolve-se a partir do contexto do alto modernismo estético, da história da avant-garde artística ocidental que se seguiram à crise de representação e culminou com o cubismo, o dadaísmo e o surrealismo”. (Peters, p. 17, apud Haesbaert e Bruce, s/d).

Deleuze e Guattari (1997), autores com os quais dialogaremos de forma mais específica neste artigo, traduzem as formas de pensar em imagens numa espécie de analogia intelectual do movimento do pensamento. Eles adotam uma imagem para mostrar o conceito do pensamento estruturalista, é a imagem da árvore-raiz. Para os autores existe nessa imagem a idéia de uma hierarquia, um centro de poder, de uma relação dialética, dual, que remete a relações binárias, biunívocas, dicotômicas. A árvore é a própria imagem do que eles conceituaram como pensamento arborescente.

A árvore, assim como a forma de pensar arborescente, possui um tronco e uma raiz, e está plantada num determinado solo, pressupondo uma matriz, um seio de onde brotam suas idéias. Na mesma analogia, os autores propõem a idéia de um sujeito, uma totalidade, a exemplo do tripé iluminista: liberdade, igualdade, e fraternidade, são todas possibilidades identitárias, abstratas.

Na mesma perspectiva encontra-se o princípio do ser, como uma idéia fechada de unicidade, de sujeito transcendente, uno. Este princípio, segundo os autores, está diretamente relacionado ao modo de pensar hegemônico do mundo moderno ocidental, que leva à idéia iluminista de progresso, de evolução permanente. Deleuze e Guattari trabalham com o conceito de pensamento arborescente numa analogia que fazem com a forma de pensar advinda da racionalidade ocidental, das concepções racionalista e liberal, assim como do marxismo.

A idéia de uma floresta, ou seja, de um conjunto de árvores, remete-nos a uma genealogia. Segundo os autores esse modo de pensar arborescente – pensamento-raiz- produziu uma relação de dominação na realidade ocidental que se traduz em todos os níveis, da botânica à biologia, a ontologia, teologia, a burocracia, enfim das morais e filosofias da transcendência e da linhagem. A estrutura da lógica binária é que predomina.

Deleuze e Guattari acreditam que “o pensamento não é arborescente, e o cérebro não é uma matéria enraizada nem ramificada”(Deleuze e Guattari, 1995:25). Paralelo ao conceito de árvore-raiz, como pensamento genealógico, dedutivo, indutivo, os pensadores trazem o conceito de Rizoma.

O Rizoma funciona através de encontros e agenciamentos, de uma cartografia das multiplicidades. Seu conceito se exprime com a imagem da **erva daninha**, invasiva, nasce em qualquer lugar, nos interstícios, nas margens, nas entrelinhas, nas probabilidades, no deserto, no meio de conexões, de multiplicidades e heterogeneidades de elementos.

A erva daninha é a imagem do rizoma. Ela, assim como o pensamento rizomático, brota nas entrelinhas, se encontra no *entre*, no *intermezzo*, indefinido, imprevisível. O deserto é a imagem árida do rizoma, e não a floresta. Para expressar a idéia de erva-daninha, os autores evocam Henry Miller:

“... A China é a erva-daninha no canteiro de repolhos da humanidade....a erva existe exclusivamente entre os grandes espaços não cultivados...preenche os vazios...cresce entre, e no meio das outras coisas. A flor é bela, o repolho útil, a papoula enlouquece. Mas a erva daninha é uma lição de moral”. (Miller, H. apud Deleuze e Guattari, 1995:30).

O acesso ao rizoma não se faz mais com um nome, uma identidade, como no modelo arborescente. O rizoma é uma cifra, um código.

“... qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. E muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem. A árvore lingüística à maneira de Chomsky começa ainda num ponto S e procede por dicotomia. Num rizoma, ao contrário, cada traço não remete necessariamente a um traço lingüístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas.” (Deleuze e Guattari, 1995a: 15).

Pensar Rizomático

O rizoma pressupõe outra forma de pensar não mais genealógica, arborescente. São as multiplicidades. Chamando de um projeto “construtivista” e não pós-estruturalista, Deleuze e Guattari criam o conceito da lógica das multiplicidades como sendo a própria realidade, mas a partir da superação das dicotomias entre consciente e inconsciente, natureza e história, corpo e alma. Trata-se de uma totalidade segmentária, uma multiplicidade de elementos heterogêneos que coexistem, se conectam, se sobrepõem. As multiplicidades mantêm zonas de vizinhança, temporalidades diferentes, se contaminam. Alguns desaparecem outros emergem, brotam em qualquer lugar. São conexões, fluxos, vetores, intensidades, indeterminações.

A lógica das multiplicidades pressupõe formações coexistentes, são processos, convergências, e não contradições ou dicotomias. As multiplicidades se traduzem no pensamento rizomático, acentrado, a-significante. Em termos gerais, os princípios característicos das multiplicidades dizem respeito a elementos conceituais próprios, a saber: o *rizoma* (como forma de pensar por oposição ao modelo da árvore), as *singularidades* e suas relações que são *devires* em contraposição à identidade e ao sujeito; as *heceidades* como acontecimentos de individuações sem sujeito; os *platôs*, que são zonas de intensidade contínua que são atravessadas por vetores que constituem *territórios* e as *desterritorializações*.

No entanto, é importante ressaltar que a Árvore e o Rizoma não são formas de pensar excludentes, nem contrapostas, ou opostas, apenas funcionam em regimes diferentes de pensar. A árvore age como um projeto, um modelo, uma fotografia, uma estrutura, um decalque

transcendente. Já o rizoma, que não se opõe, funciona como um processo imanente, e na ação esboça um mapa. ((*Deleuze e Guattari, 1995a: 31*). Uma forma não tenta eliminar a outra. São complementares, existe uma tensão entre elas, Deleuze e Guattari dizem:

“Toda sociedade, mas também todo indivíduo, são, pois atravessados pelas duas segmentaridades ao mesmo tempo: uma molar e outra molecular. (...) sempre uma pressupõe a outra. Em suma, tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica”. (DELEUZE e GUATTARI, 1996:90)

Exemplos dessa segmentaridade molar são as classes e da segmentaridade molecular são as massas, as classes sendo talhadas a partir das massas, “cristalizando-as”. O Pensar Dual/Binário/Arbóreo e o Pensar Rizomático são ambas as formas de pensar hoje coexistem, todavia continua ainda hegemônico nas sociedades atuais, o primado da lógica binária, onde o modelo arborescente de pensar ainda predomina.

A Desterritorialização é um conceito proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari, para descrever o que chamaram de processos de fuga das estruturas sociais e intelectuais coercivas. Tais processos podem ser entendidos como análogos ao processo de descentralização do sujeito narrado nas teorias pós-estruturalistas. Para Ceia, (2009), o conceito implica na idéia de uma “unidade primitiva, selvagem, do desejo e da produção” que é a terra.

(...) construímos um conceito de que gosto muito, o de desterritorialização. (...) precisamos às vezes inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova. A noção com pretensão nova é que não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte. (*Gilles Deleuze em entrevista em vídeo*)

Ceia (2009) ao sintetizar o conceito, diz que tem a ver com o processo de arrepio desta máquina territorial primitiva – a terra – e que sempre produz desterritorializações. Para Ceia, esse fenômeno se encontra mais bem elaborado em Marx, no *Capital*, quando mostra ser um permanente conflito na sociedade: “dum lado, o trabalhador desterritorializado, transformado em trabalhador livre e nu, tendo para vender a sua força de trabalho; do outro, o dinheiro descodificado, transformado em capital e capaz de a comprar.” (p.233).

Para os dois filósofos franceses, segundo Ceia, a esquizofrenia é “o limite exterior do próprio capitalismo” (p.256). — é a desterritorialização por excelência e pode até funcionar como uma forma de escapar da teia do capitalismo. Este é considerado “inseparável do movimento de desterritorialização, mas esconjura este movimento através de re-territorializações fictícias e artificiais. Ergue-as sobre as ruínas das representações territoriais e despóticas, míticas e trágicas, que, todavia, restaurará para seu serviço próprio e com outra forma — a de imagens do capital.” (p.316).

A noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si

mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI e ROLNIK, 1986:323).

Um pensar rizomático é um pensar maquínico: é uma máquina de guerra. Uma permanente desterritorialização, assim como uma linha de fuga que atravessa e constrói uma nova territorialidade num processo de reterritorialização.

O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até, sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento, de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais (GUATTARI e ROLNIK, 1986:323).

Território, desterritorialização, reterritorialização, são movimentos contínuos e permanentes e que produzem singularidades. Outro conceito vem ao encontro desses processos.

Nomadismo ciberespacial

O nômade é aquele que não possui um território fixo e seu habitat é a Terra. Suas roupas e pertences são seu território, que transporta a qualquer espaço. No volume 5 da obra Mil Platôs, Deleuze e Guattari (1995) escrevem o Tratado de Nomadologia, onde reposicionam a questão política da liberdade civil e do direito e colocam a questão do domínio dos fluxos, onde estabelecem uma analogia entre o Estado e o nômade. Para os autores existem diferenças cruciais entre o nômade e o déspota, a saber:

O nômade com sua máquina de guerra opõem-se ao déspota com sua máquina administrativa; a unidade nomática extrínseca se opõe à unidade despótica intrínseca. (...) nômade não é forçosamente alguém que se movimenta: existem viagens num mesmo lugar, viagens em intensidades, nômades não são aqueles que se mudam à maneira dos migrantes, ao contrário, são aqueles que não mudam, e põem-se a nomadizar para permanecerem no mesmo lugar, escapando dos códigos (Deleuze, 1997).

O nômade vagueia por todo lugar, sua vida é movimento de territorialização sobre sua desterritorialização, mas ele se move quando se sente obrigado a fazê-lo. Para o nômade não existem fronteiras, pois seu solo é um mundo liso sobre o qual desliza.

Já o Estado tem no seu território o bem mais precioso e seu movimento permanente é o de sempre expandi-lo. A expansão requer uma desterritorialização constante, para que em seguida ocorra a reterritorialização e a conquista de um território maior. O estado constrói trilhas sobre um mundo estriado.

Na sua caminhada, por vezes, o nômade adentra em território estatal, cria conflitos, de modo que o nômade pode, ao alisar o estriado, ser considerado uma máquina de guerra. Os Nômades constroem redes de significados e novas territorialidades. Para Bauman, (1999, apud. Aguiar e Schaun,

2009), o ciberespaço é um lugar de incessante deslocamento virtual e de movimentação social, política e econômica. Nesse sentido, o sujeito contemporâneo vive um nomadismo ciberespacial: desloca-se “do lugar” sem produzir uma movimentação no espaço geográfico, viajando pelas redes ciberespaciais da internet.

O nomadismo ciberespacial é um conceito que visa compreender o nômade na era digital, suas conexões e linhas de fuga num processo permanente de agenciamento maquínico, de multiplicidades, atravessando o mundo da cibercultura, criando singularidades.

Conexão e Mobilidade

Algumas questões pontuadas por Lemos (2004) e Castells (2000) caracterizam as sociedades contemporâneas, e que são aqui sintetizadas visando esboçar um panorama atual onde se insere nosso objeto de pesquisa. A rede transforma-se em um “ambiente” generalizado de conexão, envolvendo o usuário em plena mobilidade, através de aparatos diversos.

Tal mobilidade pressupõe o desaparecimento da espacialidade clássica e o surgimento de uma nova espacialidade que se relaciona com o tempo que deixou de ser cronometrado, dando lugar à instantaneidade, ao instante. São os espaços de fluxos (Castells, 2000). A questão não é apenas de aceleração, pois uma coisa parada pode ter um movimento bastante acelerado (um motor, por exemplo). Na era digital a questão é de velocidade, velocidade da luz (Virilio, 1993).

Na mesma linha de proposição, a chamada “Mobile Sociology” (Urry, 2000, apud Lemos 2004.) é outro conceito que visa à compreensão de questões atuais que reconfiguraram a sociologia. Para a “Mobile Sociology pensar a sociedade é pensar em termos de territorializações e desterritorializações, em termos de mobilidade urbana, de não-lugares intercambiáveis, de cidades globais, sociedade em rede. Novas práticas e novos usos do espaço urbano vão, pouco a pouco, constituindo os lugares centrais da era da conexão. O usuário não vai mais ao ponto da rede.

As tecnologias sem fio, como os celulares e as formas de conexão Wi-Fi à internet, têm criado novas práticas de mobilização social nas metrópoles contemporâneas. A era da conexão relaciona assim tecnologia digital, comunicação, massa, multidão, mobilidade e conexão. A era da conexão é a era das “mobs”. A internet fixa mostrou o potencial agregador das tecnologias de comunicação. A internet móvel está aproximando o homem do desejo de ubiquidade fazendo emergir uma nova cultura telemática, com novas formas de consumo de informação e com novas práticas de sociabilidade.

Hoje, a Cultura do Software assume função que os *mass medias* jogaram na sociedade de massas. Para Manovich (2008) vivemos a cultura do software, essa linguagem “*assumiu o comando*”, domina todos os setores na sociedade atual. Pensamos em programas para resolver qualquer tipo de problema e criar soluções. Para Weinberger (2003) não nos encontramos na era da Internet nem muito menos da informação. Ele afirma que hoje vivemos na era das *conexões*, onde *ser* conectado constitui-se o próprio princípio da democracia e da economia nas sociedades atuais, e completa dizendo “quanto maior e melhor forem essas conexões, mais forte serão nossos governos, negócios, ciência, cultura, educação.”

A sociedade em rede vida a era digital da conexão e da mobilidade. Nesse cenário, mídia locativa (*locative media*) forma um conjunto de tecnologias e processos info-comunicacionais cujo

conteúdo informacional vincula-se a um lugar específico, um território. Entende-se locativo como sendo uma categoria gramatical que exprime lugar, como “em”, “ao lado de”, indicando a localização final ou o momento de uma ação.

As mídias locativas são dispositivos informacionais digitais cujo conteúdo da informação está diretamente ligado a uma localidade. Para Lemos (2004), são processos de emissão e recepção de informação a partir de um determinado local. Isso implica uma relação entre lugares e dispositivos móveis digitais até então inédita. Podemos dizer que a linguagem digital expressa formas de pensar, ou máquinas de pensar: umas abstratas e as outras de guerra. As primeiras são sobrecodificadas pelo aparelho de Estado, constituem os saberes estratificados, sedentários e demarcam Espaços Estriados. As segundas não se deixam sobrecodificar, constituem os saberes nômades, e percorrem Espaços Lisos, novas territorialidades visam um *Devir-outro*.

O nomadismo ciberespacial usa a linguagem digital, os espaços de fluxos e as mídias locativas que permitem múltiplas conexões e o aparecimento de novos agenciamentos coletivos de enunciação possibilitando o ciberativismo digital, expressos cultural e politicamente.

Generación Y e rizomática: novas territorialidades culturais

Como territorialidade cultural entende-se os agenciamentos produzidos por sujeitos-nômades expressos nas redes de conexões que surgem em qualquer ponto, a modo de um rizoma, onde singularidades são traduzidas em cadeias semióticas. A expansão incontrolada dessas singularidades na rede de conexões coloca em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas.

Uma expressão de nomadismo ciberespacial de onde emergem novas territorialidades culturais é o nosso objeto de estudo, o portal www.desdecuba.com, ou mais conhecido mundialmente com a **Generación Y**, blog da Yoani Sánchez, filóloga e apaixonada pela Internet, criadora do portal e ganhadora de vários prêmios internacionais, entre eles o Ortega y Gasset, em 2008. O Portal Desde Cuba, em 2009, está entre os 25 Melhores Blogs de acordo com a cotação do grupo midiático TIME-CNN.

Es un Blog inspirado en gente como yo, con nombres que comienzan o contienen una "i griega". Nacidos en la Cuba de los años 70s y los 80s, marcados por las escuelas al campo, los muñequitos rusos, las salidas ilegales y la frustración. Así que invito especialmente a Yanisleidi, Yoandri, Yusimí, Yuniesky y otros que arrastran sus "i griegas" a que me lean y me escriban.
<http://www.desdecuba.com/generaciony/>

Para o estudo, considerou-se o Portal Generación Y como uma glocalização, um nomadismo ciberespacial, que permite a emergência de novas subjetividades. Trata-se de um híbrido glocal que produz singularidades. (Aguiar e Schaun, 2009, II Colóquio Brasil México). O texto de Yoani Sanchez traduz multiplicidades e traz consigo o princípio de uma ruptura a-significante, como propuseram Deleuze e Guattari, vale dizer:

Tengo treinta y tres años y dos canas. Llevo al menos la mitad de la vida deseando un cambio en mi Isla. En el verano de 1990, me asomaba a las persianas de mi casa en Lealtad esquina a Lagunas, cuando el griterío de la gente me hacía pensar en una revuelta. Desde allí vi pasar las

balsas cargadas en hombros hacia el mar y percibí los camiones de policías que controlaban la inconformidad. Las caras ansiosas de mis familiares presagiaban que pronto la situación evolucionaría, pero en lugar de eso los problemas se hicieron crónicos y las soluciones se postergaron. (<http://www.desdecuba.com/generacion/>).

O texto produz uma ruptura, linhas de desterritorialização e expõe na sua poética cotidiana a cartografia de Cuba, de onde Yaoni Sanchez não quer sair, mas é atravessada por uma linha de fuga que produz uma agenciamento, uma conexão. Sua fala, soa como um canto em torno do qual se conectam outros tantos nômades e ecoam na rede sua fala:

Después vino mi hijo, entre apagones y frases de “no te desesperes”, comprendí que sólo iba a ocurrir lo que pudiéramos provocar nosotros mismos. Este junio ha empezado muy parecido al de aquellos oscuros años del Período Especial. Desasosiego, cortes eléctricos en algunos barrios y una sensación generalizada de que vamos cuesta abajo. Ya no soy aquella adolescente temerosa y pasiva, cuyos padres le dijeron tantas veces “Acuéstate, Yoani, hoy no tenemos nada que comer”. No estoy dispuesta a aceptar otra etapa de consignas y platos vacíos, de ciudad detenida por falta de combustible y líderes empecinados con sus refrigeradores llenos. Tampoco pienso irme a ningún lado, así que el mar no será en mi caso la solución para este nuevo ciclo de calamidades que comienza. (<http://www.desdecuba.com/generacion/>)

A **Generación Y** é uma expressão da cultura digital, de nomadismo ciberespacial e de ciberativismo cultural. A **Generación Y** é uma expressão da lógica das multiplicidades, do pensar rizomático, a-centrado, se expressa de forma instantânea e produz singularidades, afirma devires a partir de heceidades. Atravessa os platôs com seus vetores em cadeias semióticas a se reterritorializa na rede, onde proliferam as *novas territorialidades culturais*. Para o produtor cultural H. D. Mabuse, do portal Overmundo:

“acreditamos que a cultura digital é livre na medida em que todos nós (a sociedade) desejamos que ela fosse. Mais ainda: acreditamos no potencial de reconstrução constante da cultura digital e no seu poder transformador da realidade social”. (Mabuse, portal Overmundo. 2006).

O conceito de rizoma vem expresso em outro texto de Mabuse, quanto proclama a morte da centralidade, afirmando:

“Não espere nada do centro, se a periferia está morta”, (Mundo Livre S.A. anos 90). O centro é onde as coisas se cristalizam, morrem, a periferia é onde surge o novo. (H. D. Mabuse, apud. Holanda, 2007).

A **Generación Y** é rizomática. É uma expressão de nomadismo ciberespacial e de novas territorialidades culturais. É bom lembrar que não são necessariamente contra-hegemônicas. São máquinas de guerra, conexões, fluxos, não se deixam sobre-codificar, produzem singularidades e atravessam o ciberespaço, em linhas de fuga, produzindo acontecimentos.

REFERÊNCIAS:

- AGUIAR, Leonel e SCHAUN, Angela. *Híbrido Glocal, Ciberativismo e Tecnologias da Informação*. Trabalho a ser apresentado no II Colóquio Binacional Brasil México de Ciências da Comunicação. Intercom/ESPM - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Consumo. São Paulo, de 1 a 3 de abril de 2009.
- AGUIAR, Leonel (Coord.), MAGNAVITA, Pasqualino, SCHAUN, Angela e ELHAJI, Mohammed. *Comunicação e Produção da Diferença: filosofia, culturas, etni-cidades e ecologia*. Multicom. XXXI Intercom. Natal-RGN. 2 a 6 de setembro de 2008.
- CARPANEZ, Juliana. *Cansados de espionagem virtual, internautas cometem orkuticídio*. Caderno Informática. Folha de São Paulo, 2 de junho de 2005.
- CASTELLS, Manoel. *A Era da Informação – Economia, Cultura e Sociedade. Vol. I Sociedade em Rede*. São Paulo. 2000.
- CEIA Carlos. E-Dicionário. <http://www2.fcsh.unl.pt.edtl/verbetes/D/desterritorialização.htm>, acessado em 10 de junho de 2009.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix *Mil Platôs, Capitalismo e esquizofrenia*, Rio de Janeiro, ed. 34, v1 1996, v2 1997, v3 1999, v5 1997.
- DELEUZE, Gilles *Conversações*, Rio de Janeiro. Ed. 34, 2000.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix - *O que é a Filosofia*. Rio de Janeiro. Ed. 34, 1997 e 2000.
- _____, *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. Lisboa. Assírio e Alvim. 1995.
- DELEUZE, Gilles, PARNET, Claire, - *Diálogos*, São Paulo. Ed. Escuta, 1998.
- FOUCAULT, Michel - *As Palavras e as Coisas*, Rio de Janeiro, Graal. 1984.
- _____, *Microfísica do Poder*, Org. Roberto Machado, Rio de Janeiro. Ed. Graal. 9ª. Ed. 1979.
- _____, *Arqueologia do Saber*, Rio de Janeiro. Ed. Forense, 1987.
- _____, *Vigiar e Punir*, Nascimento da Prisão. Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 1999.
- GIDDENS, A. 1991. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Ed. da UNESP.
- GUATTARI, F e ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes. 1996.
- GUATTARI, Felix - *Caosmose, um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro. Ed. 34, 1993.
- HAESBAERT, Rogério e BRUCE, Glauco. 1994. A Desterritorialização na obra Deleuze e Guattari. http://www.uff.br/geographia/rev_07/rogerio7.pdf, acesso 03 de maio de 2009.
- HARVEY, D. *A condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola. 1992.
- HARDT, Michel e NEGRI, Antonio. *Império*. São Paulo. Ed. Record. 2001.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Humanidade Excedente*. In: Dragão Contemporâneo No. IV. Aeroplano Editora. Rio de Janeiro, 20 de julho de 2007.
- HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória*, Rio de Janeiro. Ed. Aeroplano. 2000.
- LEMOS André. Mídias Locativas e Territórios Informacionais. Disponível em http://www.andrelemos.info/artigos/midia_locativa.pdf, acesso, 05 abril, 2009.
- KROEF, Ada Beatriz Gallicchio. *Currículo como Máquina Desejante*. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/24/T1219084572503.doc>, Acesso em 01 de fevereiro de 2009.
- MABUSE, H. D. Cultura digital é cultura livre? Em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/cultura-digital-e-cultura-livre>. Acesso em 01 de fevereiro de 2009.
- MANOVICH, Lev. *Software Takes Command*. E-book, disponível on-line: [www.http://softwarestudies.com/softbook/manovich_softbook_11_20_2008.doc](http://softwarestudies.com/softbook/manovich_softbook_11_20_2008.doc) 2008.
- NEGRI, A. e HARDT, M. 2001. *Império*. Rio de Janeiro e São Paulo: Record.2001.
- NEGROPONTE, Nicholas. *A Vida Digital*. São Paulo. Companhia das Letras. 1995.
- PETERS, M. 2000. *Pos-estruturalismo e filosofia da diferença* (uma introdução). Belo Horizonte:Autêntica.Lisboa: Piaget, s/d).
- SCHAUN, Angela. *Articulações Comunicativas e Caos: arriscando conceitos para o tema Conflito, Cultura e Educação*. Revista Nômade, Bogotá, v. 15, 2001.
- _____, O pensar maquínico e as novas territorialidades culturais. II Colóquio Portugal-Brasil,VI SOPCOM e VIII LUSOCOM e IV Congresso Ibérico. Lisboa. Abril 2009.
- WEINBERGER, D., Why Open Spectrum Matters. The end of the broadcast nation. in <http://www.evident.com>, 2003, acesso em 5 de abril, 2009.
- VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. Trad. Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro. Ed.34 1993.

¿CÓMO LLENAR ESTA PLANTILLA?

(No borrar esta sección)

Usted ha abierto una plantilla de Word diseñada para facilitar la evaluación de las ponencias, así como su eventual publicación en el CD de Memorias del XIII Encuentro de FELAFACS.

Una vez que haya escrito su ponencia el documento final deberá ser guardado con el nombre de su autor antecedido por la palabra PONENCIA, por ejemplo: PONENCIA_José_Pérez.doc y enviado a la dirección encuentro2009@felafacs.org antes del **15 de Mayo de 2009**.

Extensión: La ponencia no debe exceder las 5 mil palabras (aproximadamente entre 8 y 10 páginas) incluyendo referencias y anexos. Cada página deberá contener hasta un máximo de 750 palabras.

Sistema de Citas: Se utilizará el sistema internacional autor-fecha de la Universidad de Harvard (Harvard-APA), sin pie de página. En la sección final sólo se debe incluir exclusivamente el material referenciado, no una bibliografía extensa de todas las fuentes consultadas. Ver ejemplos en REFERENCIAS, al final de la plantilla.

Sobre Gráficos: El tamaño de los gráficos no deberá de exceder los márgenes establecidos y debe acompañarse de la versión original (*.jpg, *.ppt, etc.) para asegurar eventuales correcciones.

Sobre el formato: El tipo de letra (*Times New Roman*), tamaños y espacios establecidos no deben ser modificados bajo ningún motivo para facilitar el orden. Las ponencias presentadas en formatos distintos NO serán consideradas en la evaluación.

10

1. MODELO DE SUBTÍTULO DE PRIMER NIVEL (CENTRADO Y EN MAYÚSCULAS)

Este es un ejemplo del párrafo regular del texto. La sangría inicial debe mantenerse para favorecer el orden. Este es un ejemplo del párrafo regular del texto. La sangría inicial debe mantenerse para favorecer el orden. Este es un ejemplo del párrafo regular del texto. La sangría inicial debe mantenerse para favorecer el orden.

PARA INSERTAR GRÁFICOS O DIAGRAMAS

GRÁFICO 1. Este es un ejemplo del formato de leyenda del gráfico. Asegúrese de que el gráfico pueda ser leído correctamente en blanco y negro. Debe estar centrado.

1.1 Modelo de subtítulo de segundo nivel (centrado)

Este párrafo contiene un ejemplo de cita de menos de 5 líneas de extensión dentro de un párrafo regular. “Luego del texto se señala la referencia” (López, 1997).

Este es un ejemplo de un párrafo de citas. La sangría de los márgenes ayuda a distinguir con claridad que el contenido de este párrafo es una cita. (Murciano, 1992)

Este es un ejemplo del párrafo regular del texto. La sangría inicial debe mantenerse para favorecer el orden. Este es un ejemplo del párrafo regular del texto. La sangría inicial debe mantenerse para favorecer el orden.¹

11

1.1.1 Modelo de subtítulo de tercer nivel

Este es un ejemplo del párrafo regular del texto. La sangría inicial debe mantenerse para favorecer el orden. Este es un ejemplo del párrafo regular del texto. La sangría inicial debe mantenerse para favorecer el orden. Este es un ejemplo del párrafo regular del texto. La sangría inicial debe mantenerse para favorecer el orden.

TABLA 2. Aquí va el nombre de la tabla.

Nombre de columna	Nombre de columna	Nombre de columna
Nombre de fila	x	x
Nombre de fila	x	x
Nombre de fila x	x	x

¹ Este es un ejemplo de pie de página; se sugiere utilizar este recurso de manera muy limitada, trate de evitarlos.

REFERENCIAS

Bailey, J. (1989). México en los medios de comunicación estadounidenses. En J. Coatsworth y C. Rico (Eds.), *Imágenes de México en Estados Unidos* (pp. 37-78). México: Fondo de Cultura Económica.

Ciespal. (1967). *Dos semanas en la prensa de América Latina*. Quito, Ecuador: Autor.

De la Garza, Y. (1996). *Patrones de exposición y preferencias programáticas de los jóvenes de preparatoria de Monterrey y su área conurbada*. Tesis de Maestría, Tecnológico de Monterrey, Monterrey, México.

DIRECTV Questions & Answers (1997, octubre). Disponible en: <http://www.directv.com/>

González, L. (1997). La teoría literaria a fin de siglo [Reseña del libro *La teoría literaria contemporánea*]. *Revista de Humanidades*, (2), 243-248.

López, J. R. (1997). Tecnologías de comunicación e identidad: Interfaz, metáfora y virtualidad. *Razón y Palabra* [Revista electrónica], 2 (7). Disponible en: <http://www.razonypalabra.org.mx>

Murciano, M. (1992). *Estructura y dinámica de la comunicación internacional* (2a. ed.). Barcelona: Bosch Comunicación.

Trejo Delarbre, R. (1995/96). Prensa y gobierno: las relaciones perversas. *Comunicación y Sociedad*, (25/26), 35-56.